

Como lamber a língua de Roland Barthes: uma entrevista com Paloma Vidal

Paloma Vidal (UNIFESP)

Entrevistadores:

Márcia Cristina Fráguas (UERJ/CAPES)
Vinícius Rangel Bertho da Silva (PUC-SP)

Na entrevista internacional para o dossiê “Escritos de Artistas”, a *Palimpsesto* – revista discente do Programa de Pós-graduação em Letras da UERJ – teve a oportunidade de conversar com a professora, tradutora e escritora Paloma Vidal. Doutora em Letras pela PUC-Rio, atualmente leciona Teoria Literária na Universidade Federal de São Paulo. Nascida em Buenos Aires, viveu dos 2 aos 25 anos no Rio de Janeiro. A vivência entre Brasil e Argentina se reflete em sua produção teórica e literária. Como pesquisadora, tem se dedicado à literatura latino-americana contemporânea e a questões de teoria da literatura, ligadas, entre outras, a narrativas de exílio, migrações e viagens; à literatura escrita sob ditaduras; às escritas do eu e à performance; aos diários, cadernos e outras formas de anotação; a questões de tradução e do viver entre línguas. Escritora prolífica, publicou diversos ensaios teóricos, romances, contos, poesia, entre outros, além de manter o blog “Lugares onde eu não estou” (www.escritosgeograficos.blogspot.com).

Nossa conversa partiu da relação de Paloma Vidal com os escritos de Roland Barthes, cuja obra foi objeto de pesquisa da autora e com que ela dialoga em sua obra poética e ensaística. Lançou pela editora Tinta-da-China, no final de 2023, o livro de ensaios *Não Escrever [com Roland Barthes]*.

PALIMPSESTO

1) Paloma, você entendeu particularmente bem o processo de “não-escrita” de Roland Barthes. Ao que parece, o crítico protelou a vida toda um projeto de romance, que, no entanto, se deixa entrever em algumas de suas obras, a exemplo do *Fragmentos de um discurso amoroso*, que, ao alinhar diversas vozes autorais, acaba por resvalar na

literatura. Há ainda obras como *A Câmara Clara* e *O Diário de Luto*, nas quais é possível sentir a presença do literário. Queríamos que você falasse um pouco sobre isso e da relação com seu livro de ensaios *Não escrever [com Roland Barthes]*.

PALOMA VIDAL

Essa protelação que vocês mencionam foi o início de uma reaproximação com a obra do Barthes – que eu li bastante no início da minha formação, como estudante de Letras –, porque me comoveu e me inquietou o fantasma da paralisia e do fracasso, ligado a um momento de luto. Desde que li o curso *A preparação do romance* fiquei tocada pelo esforço de transformar esse fantasma em fantasia, através de um romance fantasiado que se quer preparar. Mas também sentia uma estranheza com a necessidade dele de dar um nome, “Romance”, delimitando uma forma, sendo que eu o via fazendo outros textos que não caberiam nessa demarcação, mas que iam na direção do romanesco. Mobilizar uma “não-escrita” em Barthes significava sobretudo ir ao encontro do que ele escreveu enquanto não escrevia e escrever eu mesma a partir desses escritos.

PALIMPSESTO

2) A tensão entre primeira e terceira pessoa, a voz ficcional e a voz do crítico são questões centrais na obra de Roland Barthes, que transparecem na presença do fragmento, na anotação crítica de tom confessional, feita ao pé da página, para que um outro pudesse ler – o prazer do texto. Como essa “paixão barthesiana” se articula no seu processo de escrita literária e crítica?

PALOMA VIDAL

Uma ideia que atravessou a minha reaproximação de Barthes foi a de “caixa de ferramentas”, no sentido de que eu fui me dando conta de que aprendia muito com o que ele fazia em vários de seus textos, com uma série de procedimentos, com a mistura entre primeira e terceira pessoa, no *Roland Barthes por Roland Barthes*; ou a montagem de texto e imagem, de maneiras diferentes, nesse livro, em *o Império dos signos* e em *A câmara clara*; ou o uso da ordem alfabética em *Fragmentos de um discurso amoroso*, e

assim por diante. Aproximar-me assim dele tinha a ver também com o prazer de um processo de escrever que é como um laboratório, em que se mexe com vários tipos de materiais, como em uma mesa de trabalho, de um jeito muito manual e amador, que era próprio de sua maneira de trabalhar com a escrita.

PALIMPSESTO

3) Sua obra literária, que já possui mais de 20 títulos, transita entre poesia e prosa com visível intensidade. Partindo disso, como se dá o processo de criação das suas obras: ele é contínuo ou se dá por meio de intervalos durante a escrita?

PALOMA VIDAL

Por um lado, pensando nos livros que publiquei, diria que trabalho de modo descontínuo, porque cada livro é um livro, com seu processo e seus procedimentos, e me dedico a eles como a um objeto, pensando o texto em relação aos paratextos, à diagramação, à circulação etc., buscando um diálogo com os editores, cujo trabalho valorizo muito nesse sentido. Então entrar em um livro é entrar em um mundo – que envolve a escrita e esses processos em torno dela – do qual em algum momento preciso sair, sendo que demoro algum tempo para entrar de novo nesse estado. Por outro lado, a escrita é para mim um contínuo, que sempre me acompanha, como escrita diária, de anotação, que envolve projetos de livro, mas não só, porque é também escrita íntima, como um suporte mesmo para a vida.

PALIMPSESTO

4) Há uma declaração sua em uma entrevista de 2015 que chamou muito a nossa atenção. Na referida ocasião, você declarou que não tem nenhum tipo de “fidelidade” a categorias literárias. Na sua opinião, você sente que a crítica literária insiste em colocar as suas publicações dentro de categorias com as quais você não se identifica?

PALOMA VIDAL

Não, acho que não. Acho que, na verdade, no sentido das leituras que se fazem de um trabalho, qualquer um, não existe “a” crítica literária, mas vários leitores e leitoras, que leem a partir de suas próprias necessidades e desejos, como aliás eu mesma faço no trabalho com autores e autoras variados. Não lembro que fala foi essa, mas talvez eu estivesse respondendo a uma dessas leituras, específica, no sentido de sair pela tangente, porque de fato me interessa uma ideia de escrita ou de texto mais expandida e inespecífica, que diz respeito a uma prática, como disse antes, contínua, que se materializa em livros respondendo a suas próprias questões e não a categorias pré-estabelecidas, como a de gênero literário.

PALIMPSESTO

5) Nesse processo de “lamber a língua” de Roland Barthes, na expressão de Caetano Veloso, quais foram as dores e as delícias de escrever (ou não) aprendidas com o crítico francês?

PALOMA VIDAL

Aprendi tanto com Barthes desde que comecei a lê-lo que é até difícil responder... Mas diria que, a partir do momento em que ele se transformou em uma espécie de personagem de ficção para mim, foi um prazer muito grande trabalhar com ele, na fronteira entre escrever e não escrever, como em uma espécie de *pas de deux* meio desengonçado, em que os erros que eu pudesse cometer (e me refiro a uma falta de fidelidade a ele, que está em jogo quando a gente se aproxima de uma figura com a importância que ele tem e gera bastante angústia), passaram a ser incorporados à escrita em torno dele, tornando tudo bem mais divertido.

Paloma Vidal (Buenos Aires, 1975): É escritora e ensina Teoria Literária na Universidade Federal de São Paulo. Dedicou-se à ficção e à crítica, tendo publicado romances, peças, livros de contos, de ensaios e de poesia, entre os quais: *Algum lugar* (7Letras, 2009), *Mar azul* (Rocco, 2012), *Três peças* (Dobra, 2014), *Dupla exposição* (Rocco, 2016), *Wyoming e Menini* (7Letras, 2018), *Estar entre: ensaios de literaturas em trânsito* (Papéis Selvagens, 2019), *Pré-história* (7Letras, 2020), *La banda oriental* (Tenemos las Máquinas, 2021) e *Não escrever [com Roland Barthes]* (Tinta-da-China, 2023). Traduziu, entre outros autores e autoras latino-americanos, Clarice Lispector, Adolfo Bioy Casares, Lina Meruane, Sylvia Molloy, Margo Glantz, Tamara Kamenszain e Silviano Santiago. E-mail: palomavidal@yahoo.com | ORCID: <https://orcid.org/0000-0003-4731-5707>.

Márcia Cristina Fráguas: Bacharela e licenciada em História pela Universidade de São Paulo (2016). Mestra em Literatura Brasileira (2021) pela Universidade de São Paulo com a dissertação “It's a long way: poética do exílio na obra de Caetano Veloso (1969-1972)”. Graduada em Psicologia pela Universidade do Estado de Minas Gerais (2002), com especialização lato-sensu em Cinema pela PUC-MG (2004). Trabalha com crítica e ensaio, tendo colaborado com diversas publicações, dentre elas *Revista Opiniões* (USP), da qual fez parte do corpo editorial, *Contrapulso Revista Latino-americana de estudos de música popular*, para a qual editou o Dossiê “Discos do Exílio” com os pesquisadores Rodrigo Pezzonia e Sheyla Diniz, entre outras. Atualmente é doutoranda em Teoria da Literatura e Literatura Comparada na UERJ, contando com uma bolsa de estudos concedida pela CAPES. E-mail: mcfraguas@gmail.com | ORCID: <https://orcid.org/0000-0003-0487-260X>.

Vinícius Rangel Bertho da Silva: Doutorando pelo programa de Literatura e Crítica Literária pela PUC-SP, mestre em Literatura Brasileira e Teorias da Literatura pela Universidade Federal Fluminense (UFF) e especialista nas áreas de Jornalismo Cultural, Educação e Linguística Aplicada. É licenciado em Letras (Português/Inglês) pela Universidade Estácio de Sá (UNESA). É professor da Educação Básica há mais de 20 anos, com atuação em escolas regulares e institutos de idiomas. Desde 2017, é professor efetivo da Rede Municipal de Educação (RME-SP) e autor do livro *O doce & o amargo do Secos & Molhados* (Ed. Terceira Margem, 2015). E-mail: vinnieprof@gmail.com | ORCID: <https://orcid.org/0000-0003-2635-1215>.